

## ESTUDO DO LIVRO *MINHA FORMAÇÃO*, DE JOAQUIM NABUCO

### REFERÊNCIA:

MARTINS, Matheus; TEIXEIRA, Marcos. Engenho, percurso e formação: um estudo das memórias de Joaquim Nabuco. In: *Revista de Literatura* - 2005. Belo Horizonte: Associação Pré-UFMG, 2004, p. 33-62.

Da vasta produção intelectual deste nosso político-escritor (entre dezenas de discursos parlamentares, pequenos ensaios e até um estudo crítico sobre *Os Lusíadas*, de Camões), três reconhecidos livros merecem maior destaque: *O abolicionismo*, de 1883, obra em que Nabuco se debruça sobre aquilo que seria sua maior preocupação durante grande parte de sua vida, a abolição da escravidão no Brasil; *Um estadista do Império*, de 1898, detalhada biografia de Nabuco de Araújo, seu pai e importante figura da política brasileira da metade do século XIX; e *Minha formação*, objeto de nosso estudo, obra de 1900, em que Joaquim, ao traçar o trajeto de sua formação política-literária-existencial, retoma as duas obras anteriores e reflete sobre momentos importantes da história brasileira do final do século XIX.



## Revista de Literatura

da Associação Pré-UFMG

A Revista de Literatura da Associação Pré-UFMG, que é elaborada todos os anos pelos professores do Departamento de Literatura, traz análises dos livros indicados ao vestibular da UFMG. A revista pode ser adquirida nas unidades da Associação Pré-UFMG.

Outras informações:

[www.preufmg.org.br](http://www.preufmg.org.br)

## ENGENHO, PERCURSO E FORMAÇÃO: UM ESTUDO DAS MEMÓRIAS DE JOAQUIM NABUCO

Matheus Martins  
Marcos Teixeira

### 1 - Joaquim Nabuco: a vida

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do futuro senador José Tomás Nabuco de Araújo e de Ana Benigna de Sá Barreto, nasceu no dia 19 de agosto de 1849, no sobrado da Rua do Aterro da Boa Vista (hoje Rua da Imperatriz Tereza Cristina), em Recife, Pernambuco. Ainda criança, seus pais seguiram para o Rio de Janeiro e ele foi morar com sua madrinha, dona Ana Rosa Falcão de Carvalho, no engenho Massangana, localizado no município do Cabo, também em Pernambuco. O menino Nabuco passou sua infância nesse engenho, onde teve seu primeiro contato com os escravos e onde permaneceu até a morte de sua madrinha, ocorrida em 1857, quando ele tinha oito anos.

Com isso, mudou-se para a residência de seus pais, no Rio de Janeiro, onde realizou os estudos de nível primário e, posteriormente, na cidade de Nova Friburgo, os de nível secundário, estes feitos em colégio dirigido pelo barão de Tautphœus, o qual será considerado como mestre pelo escritor. Em 1869, transferiu-se para a Faculdade de Direito, no Recife, dando continuidade ao curso, iniciado na Faculdade de São Paulo em 1866. Em 1870, diplomou-se em Ciências Sociais e Jurídicas. Após a formatura, retornou ao Rio de Janeiro, onde tentou advogar.

Em 1872, tendo vendido o Engenho Serraria, que havia herdado de sua madrinha, viajou para a Europa onde passou um ano. Nesse período, fez contatos com intelectuais e políticos. Em 1876 obteve seu primeiro cargo público, o de adido de legação, por meio do qual passa cerca de um ano nos Estados

Unidos. Em março de 1878 morre seu pai que, antes de falecer, assegurou a sua eleição com o Barão de Vila Bela como deputado geral pela província de Pernambuco. No ano seguinte, participando do parlamento, Joaquim Nabuco iniciou a campanha contra a escravidão. Em 1882, foi derrotado nas eleições para a Câmara dos Deputados. Nesse mesmo ano partiu para a Europa numa viagem que chamou de “exílio voluntário”.

No dia 10 de fevereiro de 1888 conseguiu uma audiência particular com o papa Leão XIII com quem conversou e pediu que se pronunciasse contra a escravidão existente no Brasil e na África. Nessa conversa, consegue do papa a promessa de que ele se pronunciaria na encíclica em favor dos negros. Todavia, a encíclica só é publicada após a assinatura da Lei Áurea. No dia 28 de abril de 1889, Nabuco se casou com a dona Evelina Torres Soares Ribeiro, filha do barão de Inhoã. No dia 21 de agosto desse ano, foi eleito deputado por Pernambuco, para a última legislatura do Império. Com a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, Nabuco se posicionou a favor da Monarquia, tendo recusado inclusive, apesar de solicitado, a postular uma cadeira na Assembléia Constituinte de 1891. Justificou sua posição no opúsculo *Por que sou monarquista*. Em 1892 viajou para a Inglaterra com a família, aí permanecendo por alguns anos. Fazendo um balanço de sua vida, voltou à Igreja Católica, que havia abandonado na juventude.

De 1893 a 1899 temos o período de intensa atividade intelectual do escritor. Nabuco dedicou-se às letras, escrevendo livros e artigos para jornais e revistas. Nesse período escreve *Um estadista do Império* (1896) e seu livro de memórias *Minha formação*, que é publicado em

1900. Durante esse período, em 1896, participou da fundação da Academia Brasileira de Letras, que teve Machado de Assis como seu primeiro presidente e Nabuco como secretário perpétuo. Em 1899 aceitou o convite do governo da República para defender o Brasil na questão de limites com a então Guiana Inglesa, de que seria árbitro o rei Victor Emanuel da Itália. Iniciou um processo de afastamento do grupo monarquista e a sua conciliação com a República. Em 1900, tornou-se finalmente um funcionário republicano. Em 1904, o rei da Itália dá o laudo arbitral com relação à questão da Guiana Inglesa, dividindo o território disputado em duas partes: 3/5 para a Grã-Bretanha e 2/5 para o Brasil. Esse resultado foi considerado por todos, inclusive por Nabuco, como uma derrota para o Brasil.

Em 1905, tendo sido criada a embaixada brasileira em Washington, nos Estados Unidos, Joaquim Nabuco foi nomeado embaixador do Brasil. O político faleceu no dia 17 de janeiro de 1910, ainda em Washington, após um longo período de doenças.

Cumpramos ressaltar a importância desta breve nota biográfica uma vez que o objeto do presente estudo tem como matéria uma parte da vida de Joaquim Nabuco. Por isso, é interessante ter uma visão geral do que foi a vida deste personagem de nossa história política para que possamos situar e entender melhor o detalhe que ele nos conta em *Minha formação*.

## 2 - Joaquim Nabuco: a obra

Paralelamente à vocação política, o interesse e a inclinação pela literatura sempre estiveram presentes na vida de Joaquim Nabuco. De todas as atividades deste político, a mais persistente sempre foi “a de ser

escritor”<sup>1</sup>, como afirma Gilberto Freyre em sua introdução a *Minha formação*. Apesar de não ter sido ficcionista nem poeta de grande fôlego, a temática político-social de toda a obra de Nabuco ganhará o tratamento e a dimensão de expressão literária, evidenciados por uma visível preocupação estilística e por um domínio da própria linguagem.

Na verdade, o que aqui dividimos em duas esferas distintas — política e literatura — Nabuco aproxima pelo que as duas revelam de essencialmente humano, isto é, pelo que nelas transcende a mera manifestação pessoal e atinge a condição de universal. Veremos adiante que disso resultarão o olhar cosmopolita e a incapacidade de experimentar aquilo a que ele chama de pequena política, com “p” minúsculo, aquela realizada por partidos e movida pelos seus interesses. Por ora, basta-nos avaliar que tanto como político quanto como leitor, Joaquim Nabuco se considera espectador do grande drama humano, refletido nos detalhes que a História e a Arte nos apresentam através de seus episódios e obras, respectivamente.

Da vasta produção intelectual deste nosso político-escritor (entre dezenas de discursos parlamentares, pequenos ensaios e até um estudo crítico sobre *Os Lusíadas*, de Camões), três reconhecidos livros merecem maior destaque: *O abolicionismo*, de 1883, obra em que Nabuco se debruça sobre aquilo que seria sua maior preocupação durante grande parte de sua vida, a abolição da escravidão no Brasil; *Um estadista do Império*, de 1898, detalhada biografia de Nabuco de Araújo, seu pai e importante figura da política brasileira da metade do século XIX; e *Minha formação*, objeto de nosso estudo, obra de 1900, em que Joaquim, ao traçar o trajeto de sua formação política-literária-existencial, retoma as duas obras anteriores e reflete sobre momentos importantes da história brasileira do final do século XIX. Sendo esta última nosso objeto,

---

<sup>1</sup> Prefácio, p. 16.

falemos um pouco mais dela nos seus traços gerais antes de adentremos sua análise.

*Minha formação* é na verdade a coleção de diversos artigos escritos entre 1893-1899 e publicados ao longo desses anos em jornais como *O Comércio*, de São Paulo, e em outros importantes periódicos da época, como a *Revista Brasileira*. É preciso, porém, que o leitor, aqui, não confunda as datas: se a redação da obra remonta à década de 1890, a história que ela conta começa na infância de Nabuco em Massangana e o início de seu contato com os escravos (apesar deste episódio não corresponder ao primeiro capítulo, como veremos) e vai, seguindo um recorte temático (a formação acima referida), até a década que sucede a Proclamação da República, como se pode observar no derradeiro capítulo intitulado “Os últimos dez anos (1889-1899)”.

É hora então de recontarmos essa história, através dos vinte e três capítulos que a compõem, a fim de levantar seus elementos centrais, para em seguida aprofundá-los, e, num último momento, pensar a maneira como Nabuco conduz e estrutura a narrativa de sua formação.

### 3 – Uma formação em capítulos

#### Capítulo 1: COLÉGIO E ACADEMIA

Apesar do título, Nabuco inicia a narrativa de sua formação falando muito pouco de seu período escolar. Para ele, o detalhe importante desta época reside na influência que o liberalismo de seu pai começa a exercer sobre seu pensamento, servindo-lhe de alicerce durante toda a vida, como confirmam os capítulos seguintes da obra. Adiante neste estudo, arriscaremos dizer inclusive que *Minha formação* talvez seja a história mesma desta postura liberal e dos seus desdobramentos na vida política e literária de Joaquim Nabuco. Ainda é cedo, porém, para

desenvolvermos tal hipótese; continuemos a leitura.

Ao longo do capítulo, o escritor descreve a admiração que então, durante os primeiros contatos com a escola, naturalmente mantinha pelo pai e por sua postura liberal, apesar de naquela época ainda não entender a importância do senador Nabuco de Araújo para a movimentação de tal consciência nacional.

Anos se passam e o período acadêmico é então marcado por um adolescente Nabuco já cheio de entusiasmo político, radicalizando a influência recebida do pai. Estudante de Direito, fascinado pelas contínuas descobertas do espírito, lendo tudo que lhe vinha à mão indiscriminadamente, Nabuco comenta que nesta época “não tinha idéia alguma, porque tinha todas”, ilustrando assim a imaturidade e a avidez de “impressões novas” de sua juventude. Apesar da intacta e radical base liberal, o escritor afirma que durante esta fase seu pensamento ainda não se fixara em nenhuma posição política, pairando entre as diferentes atrações exercidas tanto pela monarquia quanto pela república. O elemento decisivo, que o levará a uma postura monárquica parlamentar sem volta, surgirá na figura de um pouco lido pensador político chamado Bagehot e seu livro sobre a *Constituição Inglesa*, tema do capítulo seguinte.

#### Capítulo 2: BAGEHOT

O encontro de Nabuco com a obra de Bagehot acontece em 1869, durante o seu quarto ano de faculdade. A leve inclinação à República, para a qual tendia o liberalismo um tanto americanizado do jovem estudante de Direito, enfraquece ao entrar em contato com as idéias do referido filósofo que, apesar de não possuir o olhar retrospectivo e panorâmico de um jurista ou mesmo de um historiador, tinha, sim, a agudeza de raciocínio do pensador político, necessária para compreender e esmiuçar um determinado problema. Nabuco usa então a

metáfora do relógio de catedral para demarcar melhor as diferenças de Bagehot em relação a outros pensadores: enquanto estes dão notícia da construção, da história, da simbologia das formas de um relógio específico, Bagehot simplifica e explica o funcionamento de seu “mecanismo atual”.

A influência que Nabuco recebe deste pensador tem mais a ver então com uma estratégia para entender sistemas e concepções políticas do que com a simples absorção de idéias variadas. Um desses sistemas que Bagehot explica, ao qual Nabuco se sente devedor, é o do “governo de gabinete”, alma da Constituição Inglesa e de sua monarquia parlamentar. Para o pensador, este tipo de governo harmoniza os poderes legislativo e executivo, uma vez que eles são esferas interdependentes, unidas pela Câmara dos Comuns, cujo gabinete, sua principal comissão, é capaz de dissolvê-la caso as coisas não estejam funcionando de maneira equilibrada entre os dois poderes. Nabuco vê neste modelo um exemplo de política liberal, avessa à disputa de vaidades que ele, na esteira de Bagehot, percebe existir no presidencialismo, na medida em que a mútua independência dos poderes acima referidos, nesta forma de governo, gera uma rivalidade prejudicial ao desenvolvimento da democracia.

Em suma, o pensamento bagehotiano de Nabuco considera que a república dá margem a uma conduta de governo voltada a interesses pessoais, enquanto que o parlamento atende mais aos interesses de uma coletividade, caso contrário ele é dissolvido. A partir desta perspectiva, Nabuco inicia uma série de comparações entre os sistemas de governo da Inglaterra e dos Estados Unidos (monarquia parlamentar e presidencialismo, respectivamente) que vai durar alguns bons capítulos e que fecha este segundo retornando à imagem do relógio: “comparados os dois governos, o norte-americano ficou-me parecendo um relógio que marca as horas da

opinião, e o inglês, um relógio que marca até os segundos”<sup>2</sup>, isto é, para ele, apesar da origem feudal, do princípio hereditário da dinastia, enfim, de toda a tradição aristocrática da monarquia inglesa (preconceitos democratas que ele diz perder), o modelo britânico de governo é muito mais democrático e popular do que a república americana, que elege o seu presidente e nada pode fazer após isso. É este liberalismo conservador que Joaquim Nabuco tentará explicar a partir de agora e que relativizaremos na parte seguinte deste estudo.

### Capítulo 3- NA REFORMA (1871-1873)

Neste terceiro capítulo, Nabuco trata do período pós-academia e diz ter vencido, através da leitura de Bagehot, o preconceito em relação a um elemento monárquico que inviabilizava a aceitação desta forma de governo por muitas pessoas: a não-eletividade do chefe de Estado. O recém-formado advogado inverte a negatividade deste detalhe e passa a vê-lo, inclusive, em sua estabilidade, como o sinal da superioridade monárquica sobre o modelo republicano, sujeito “a interrupções periódicas, que são para certos países revoluções certas”<sup>3</sup>.

Nabuco adverte, porém, que a fixação monárquica de seu pensamento não se realiza assim tão rápido e nos dá mais detalhes de seu liberalismo radical durante os três anos em que escreveu artigos políticos ultra-democratas, “quase” republicanos, para a revista *Reforma*. Num destes artigos, por exemplo, Nabuco criticava a viagem do Imperador à Europa em 1871, sugerindo uma visita aos Estados Unidos, terra da liberdade e do progresso, para que lá ele visse que um povo pode dispensar a tutela do rei. Nesta fase ainda, o escritor investe contra a Igreja e participa da campanha maçônica de 1873. Sabemos que anos depois Nabuco fará as pazes com a religião; neste momento, no

---

<sup>2</sup> NABUCO, 1981. p. 36.

<sup>3</sup> Idem. p. 37.

entanto, ele rompe com a doutrina romana em função da construção de uma Igreja nacional, na esteira das idéias de Feijó.

Mas aos poucos, nas palavras do próprio escritor, “a influência do sistema monárquico vai crescendo e prevalecendo sobre esse radicalismo espontâneo, esse igualitarismo inflexível”<sup>4</sup> e 1873 se torna o ano da fixação de seu pensamento pela monarquia parlamentar. É na mesma *Reforma* que Nabuco passa a escrever artigos atacando a república, comparando as figuras do soberano inglês e do presidente americano: para ele, o chefe de estado de um governo presidencialista se aproxima muito mais da imagem de um tirano do que o próprio Imperador, uma vez que este, no que tange a administração, depende do exercício ativo da Câmara dos Comuns, enquanto que aquele, ao ser eleito, escolhe seus funcionários, governa e comanda a nação à sua maneira. Relativizaremos também essas reflexões de Nabuco na próxima parte deste estudo, a fim entender a maneira como o escritor constrói seu raciocínio político, através de algumas omissões e exageros. Por ora, continuemos a ver o que ele diz.

#### Capítulo 4: ATRAÇÃO DO MUNDO

Nabuco introduz neste capítulo um elemento muito importante para a compreensão de sua formação mais ampla, que é a de homem liberal: o cosmopolitismo de sua política. Desde os anos de mocidade descritos no capítulo anterior, o escritor se diz sempre incapaz de ser aquilo que se entende por político profissional, o homem de partido, cujos interesses são locais, regionais, de país. Para ele, a política que interessa é aquela com “P” maiúsculo, entendida como história, filosofia, moral, ideologia; aquela que “prende

e domina a inteligência”<sup>5</sup> por tratar de um drama humano universal, promovendo uma emoção puramente intelectual, que comove o coração só quando encenada num detalhe ligado afetivamente ao espectador. Este detalhe, porém, como está dito, não representa a política pela qual Nabuco se diz interessado; o que nele — no detalhe nacional — chama a atenção de sua inteligência é o que há de universal neste caso específico representado em sua terra.

A atração que o mundo exerce então sobre Nabuco o levará a algumas afirmações que podem chocar o leitor mais patriótico, tais como: “em 1870, o meu maior interesse não está na política do Brasil, está em Sedan. No começo de 1871, não está na formação do Gabinete Rio Branco, está no incêndio de Paris”<sup>6</sup>. O escritor, porém, atribui muito desse caráter expansivo de seu pensamento à fome de conhecimento própria da juventude, mas reconhece que, em matéria de espírito, sua curiosidade nunca encontrou limites, mesmo que politicamente tenha sido homem de uma só idéia, de um inabalável monarquismo.

Ao final do capítulo, Nabuco amarra seu olhar universalista e seu interesse europeu com a idéia de que os brasileiros pertencem à América pelo que há de novo em nosso espírito e à Europa pelo que em nós está sedimentado, isto é, o escritor considera que os povos americanos não têm uma tradição própria e que, por isso, sua imaginação não pode deixar de pertencer ao Velho Mundo. Em suma, Joaquim Nabuco pensa a Europa como o berço da América (talvez de todo o mundo) e, por conseqüência disso, o espírito humano seria europeu. Daí resultaria a instabilidade que ele atribui aos sul-americanos: quando se está no lado de cá do Atlântico “sente-se a ausência do mundo”<sup>7</sup>; quando se está no lado de lá, a ausência da pátria.

---

<sup>4</sup> NABUCO, 1981. p. 38.

---

<sup>5</sup> Idem. p. 41.

<sup>6</sup> Idem. p. 42.

<sup>7</sup> NABUCO, 1981. p. 44.

## Capítulo 5: PRIMEIRA VIAGEM À EUROPA

Pelo que acabamos de ver, podemos ter uma idéia da influência que exerceu sobre o pensamento de Joaquim Nabuco sua primeira viagem à Europa, datada de 1873: a imagem que ele usa, ainda no capítulo anterior, para caracterizar o efeito deste episódio, é a de uma “metamorfose pessoal”, semelhante a da larva que se transforma em borboleta<sup>8</sup>.

Apesar de ter durado apenas um ano, Nabuco afirma que a estadia européia serviu para fortalecer suas idéias monárquicas e “destruir no gérmen toda e qualquer inclinação republicana”<sup>9</sup> que porventura permanecesse em seu espírito, ao notar que o republicanismo francês tinha um “fermento de ódio” contrário ao exercício realmente liberal; uma agressividade advinda da intolerância e da desarmonia interna de um governo conduzido pela luta de vaidades, gerando uma “hipertrofia ingênua da personalidade”. Nabuco vê a intolerância como uma fobia da liberdade e a aproxima à postura própria de um fanático.

No fim do capítulo, porém, Nabuco revela que o verdadeiro efeito desta viagem fora o de desviar a política do seu centro principal de atenções, deslumbrado que estava pelas impressões de arte e vida recolhidas no passeio. Apesar deste afastamento, seria ingênuo pensar que Nabuco não sofreria influências políticas da Europa naquele período; é deste tipo de influência francesa que o próximo capítulo tratará.

## Capítulo 6: A FRANÇA DE 1873-74

O sexto capítulo fala então da influência política exercida pela França, sem

---

<sup>8</sup> Idem. p. 42.

<sup>9</sup> Idem. p. 47.

ignorar, no entanto, a sedução promovida também pelas artes: Nabuco se sentia então dividido entre os dois interesses, mas deixa entrever uma certa vitória da segunda esfera de atenções em passagens como: “Eu, porém, não poderia sequer lembrar-me de que fora político diante do mármore dos mármore ou do colorido que se esvai e de um traço que se apaga de Leonardo [da Vinci]”<sup>10</sup> ou em “Quando em um mesmo homem há um lírico e um político, a lenda tem para ele uma proporção duas vezes maior que a da História”<sup>11</sup>.

Mas o capítulo é sobre política e Nabuco relata suas participações como espectador de debates memoráveis na Assembléia Nacional, além de sua admiração pelo republicano francês Adolphe Thiers. Este detalhe curioso exige um comentário: assumindo-se francamente thierista, Nabuco se diz politicamente republicano em França; politicamente, mas não essencialmente, porque, na essência, a Terceira República francesa, nos conta Nabuco, era fruto inclusive de monarquistas, estando então, na origem, de acordo com seu espírito.

O grande efeito político de França sobre Nabuco fora então a consciência de que “a forma de governo não é uma questão teórica, porém prática, relativa, de tempo e de situação”<sup>12</sup>, destruindo assim fanatismo e intolerâncias: se na França de então a atmosfera liberal “aproveitava” melhor à república, cuja idéia Thiers toma do poder exclusivo dos jacobinos, Nabuco reforça seu monarquismo para o Brasil, por considerá-lo mais adequado às nossas circunstâncias da época.

## Capítulo 7: ERNEST RENAN

Comentada a influência política francesa, Nabuco passa a descrever as influências literárias adquiridas nesse país. A partir de 1873,

---

<sup>10</sup> Idem, p. 52.

<sup>11</sup> Idem. p. 53.

<sup>12</sup> Idem. p. 54.

data da viagem, até 1879, entrada de Nabuco na Câmara, a literatura predomina em sua vida. Apesar do gosto pelas letras remontar aos tempos da Academia, o período anterior à viagem é de receptividade, de leitura, e só após o conhecimento da França é que Nabuco passa a sentir a necessidade de criar. Como sua bagagem literária era quase toda composta por textos em francês, o escritor inicia sua produção escrevendo nesta língua.

Aventurando-se em poesia, publica apenas um único livro, intitulado *Amour et Dieu*, que, com segura auto-crítica, considera muito fraco, mas que na época submete à leitura de muita gente importante, inclusive de seu grande mestre Ernest Renan.

Nabuco então avisa aos jovens poetas sobre o perigo da eutrapelia, isto é, os falsos elogios que grandes escritores fazem a estrepentes para não os ofender nem desestimular. Nabuco, anos após ter recebido uma elogiosa carta de Renan sobre seus poemas, lê um artigo em que o mestre admite praticar várias dessas eutrapelias para com jovens escritores que lhe mandam originais. Nabuco fecha então o capítulo valorizando a crítica sincera e o sacrifício de uma “honra literária” em função dos progressos do escritor.

## Capítulo 8- A CRISE POÉTICA

Este capítulo é uma espécie de extensão da autocrítica literária iniciada no anterior. Aqui, Nabuco explica as razões pelas quais ele “nafragaria sempre no verso”<sup>13</sup>, sendo a falta de originalidade de sua produção a principal delas. Ao citar um de seus poemas, em francês, o escritor avalia que poderia até haver naqueles versos o embrião de uma “sedutora filosofia”, caso eles não fossem uma pobre tradução do que Renan escrevera anteriormente em “elegante prosa”. Assim,

---

<sup>13</sup> NABUCO, 1981. p. 63.

continua dizendo que o que impressiona em seus poemas seja talvez a eloquência de sua retórica, sua capacidade discursiva, que não necessariamente têm a ver com o que ele chama de dom do verso, entendido como “a mais nobre forma do pensamento, a mais pura cristalização da idéia”<sup>14</sup>.

Nabuco termina citando Olavo Bilac, o príncipe dos poetas parnasianos, para mostrar como o timbre de um verso se realiza com naturalidade em qualquer poema daquele que possui o referido dom, e também para comentar a lição aprendida com Renan, de que aos novos escritores é indispensável o conhecimento dos antigos. Percebemos com clareza neste detalhe à inclinação de Nabuco à poesia parnasiana, escola poética predominante da época (segunda metade do século XIX), cuja obediência a modelos fixos e a um repertório de imagens, ambos advindos da tradição clássica, está entre suas premissas básicas de composição. Veremos que a valorização da tradição reaparecerá com bastante força nos capítulos 10 e 13, porém, em sua dimensão política, para justificar a posição monárquica de Joaquim Nabuco.

## Capítulo 9: ADIDO DE LEGAÇÃO

Nabuco encerra o capítulo anterior e inicia este reforçando a idéia de que a viagem à Europa desviara seu foco de atenção para as artes, fechando ao seu olhar toda e qualquer preocupação em política que não fosse universal, distante assim da luta de partidos e de interesses locais. A maneira como seu espírito monarquista se incorpora a sua consciência estética será, de acordo com ele, o principal trabalho político operado durante os anos de 1873-79. Neste intervalo de tempo, várias coisas acontecem: a viagem a Europa a qual já nos referimos; a volta ao Velho Mundo pouco tempo depois; e o adido de legação, ou seja, o cargo de diplomata nos Estados Unidos, em 1876, único

---

<sup>14</sup> Idem. p. 64.



exercido por Nabuco até a data de publicação de *Minha formação*, em 1900 (em 1905, ele segue como embaixador em Washington). A nomeação desse primeiro adido fora dada pelo Barão de Cotegipe e exige um breve comentário da parte de Nabuco. O escritor justifica que a indicação, apesar do aparente paternalismo, não tinha nada de escandalosa, uma vez que ele seria capaz de conquistar o cargo por mérito próprio, caso fosse exigido um concurso para isso.

Sobre a carreira de diplomata, Nabuco voltará a falar no capítulo 14, intitulado “Nova York (1876-77)”; antes, porém, nos próximos quatro capítulos, o escritor trata do período anterior à diplomacia, período em que viaja ao país onde receberá a influência mais importante de sua vida política: a Inglaterra.

#### Capítulo 10: LONDRES

A influência da Inglaterra, Nabuco admite no início do capítulo, solidificará sua posição monárquica. É lá, em um país governado por uma monarquia parlamentar, que o escritor sente ser possível experimentar a essência liberal de seu espírito com maior proximidade. Londres lhe passa uma impressão de Império, de majestade e soberania, devido às gigantescas proporções de sua massa, capaz de concentrar imagens de cidade e campo em um só espaço, e devido a um “traço de seriedade e reserva”, que acaba por lhe dar também um ar de independência. Daí a resposta para o devaneio em que Nabuco diz se perder às vezes: caso a humanidade tivesse de se reduzir a um só povo, qual deles ele salvaria? Entre França e Inglaterra, o escritor escolhe a primeira, porque a segunda seria capaz de se salvar sozinha. Nos próximos três capítulos, Nabuco desenvolve o poder dessa influência em seus vários desdobramentos.

#### Capítulo 11: 32, GROSVENOR GARDENS

O título do capítulo é uma referência ao endereço da mansão do Barão de Penedo, reduto brasileiro na Inglaterra, local em que se encontravam figuras importantes do período, tanto nacionais, quanto de toda parte da Europa.

Neste capítulo, além de descrever as relações travadas com essas figuras, Nabuco reforça o elogio anterior a Londres, dizendo estarem lá, reunidas, as melhores impressões que teve dos outros lugares que visitou. Nabuco aproveita ainda para elogiar a Legação do Brasil de então, considerada em alta conta pela corte inglesa, recebendo inclusive a visita da realeza. A propósito, o escritor tece um curioso comentário sobre a importância de uma rainha e o interesse popular que ela desperta, propondo inclusive a inversão da lei sálica (que excluía as mulheres do trono), na medida em que sua figura é capaz de mesclar características de soberana e de mãe, ligando assim a nobreza ao povo.

Ao final, Nabuco assume a sedução que a aristocracia inglesa lhe exerceu e comenta que só não cedeu inteiramente aos seus encantos porque ela não superava os interesses pelo drama humano que formavam a base de seu pensamento, seu olhar universalista. Donde a importância que Nabuco atribui à aristocracia: ter evitado uma conversão republicana, caso seu espírito se inclinasse ou só às artes ou só à política. A “sensibilidade à impressão aristocrática da vida”<sup>15</sup> foi o que freou seu republicanismo na mocidade, e este é o tema do próximo capítulo.

#### Capítulo 12: A INFLUÊNCIA INGLESA

Desenvolvendo a reflexão anterior, Nabuco afirma que a impressão aristocrática está, junto com as impressões de arte, no lado “negativo” da influência recebida pela Europa. É

---

<sup>15</sup> NABUCO, 1981. p. 83.

importante que o leitor não veja juízo de valor para o adjetivo entre aspas acima; Nabuco parece colocar os sinais de “mais” e “menos” apenas para distinguir os lados opostos de sua influência, mas de igual importância para a formação de sua identidade monárquica, sendo o lado “positivo” o da influência política, a que nos referimos nos capítulos 5 e 6.

Nabuco passa então a falar de uma superioridade da monarquia sobre a república, comparando Inglaterra e França. É curioso notar como o escritor aqui começa a traçar com mais precisão seu perfil de liberal conservador. Para ele, a monarquia é capaz de proporcionar uma maior liberdade ao homem, uma vez que descentraliza o poder, ao contrário do que a figura do rei possa representar: o rei não governa, reina, e o poder do Estado então é diluído na Câmara dos Comuns, enquanto que na república o presidente concentra as decisões sobre os rumos do país em suas mãos. Voltaremos com mais cuidado a esta questão na próxima parte desta análise. Basta, por ora, considerar que para Nabuco o governo pessoal só é possível na república e por isso mesmo é suscetível a uma luta de vaidades, enquanto que na monarquia essa disputa perde o sentido, já que o cargo mais alto da nação — o de rei — não está em jogo.

### Capítulo 13: O ESPÍRITO INGLÊS

A definição para o espírito inglês, do qual o escritor afirma ter recebido apenas um toque, suficiente, porém, para fazê-lo resistir à “ilusão republicana”, vem logo no início do capítulo: “a norma tácita de conduta a que a Inglaterra toda parece obedecer, o centro de inspiração moral que governa todos os seus movimentos”<sup>16</sup>. No entanto, é só sua feição política que interessará a Nabuco e dentre

---

<sup>16</sup> NABUCO, 1981, p. 89

todos os desdobramentos que ele atribui a esta feição, aquele do qual ele mais trata parece ser o “espírito de tradição”, grande responsável pela resistência acima referida, justificando seu apreço à monarquia.

Nabuco nota que na tradição da Inglaterra há uma enorme capacidade de “admirar a massa histórica de uma instituição”<sup>17</sup>, que almeja a liberdade através da ordem. Para ele, na organização inglesa, até as modificações obedecem a regras elementares. O diálogo com a tradição é intenso, e qualquer ruptura se realiza sem a explosão daquilo que vinha antes: a demolição precisa ser feita com o “mesmo amor e cuidado” usado na construção de épocas anteriores. O escritor termina dizendo que até na questão da abolição esse espírito inglês orientará sua conduta, uma vez que esta seria uma reforma, imagina ele, que se anteporia a qualquer outra, caso o problema existisse na Inglaterra.

### Capítulo 14: NOVA YORK (1876 – 77)

Dando seqüência ao seu cosmopolitismo, Joaquim Nabuco viverá nos anos de 1876 e 1877 nos Estados Unidos, época em que pôde perceber as suas qualidades e deficiências políticas. Conforme nos informa, Nabuco tenta viver nesse país como se fosse um estadunidense:

Durante mais de um ano fui um verdadeiro americano nos Estados Unidos, como o provérbio manda ser romano em Roma. Era o meio de penetrar, de compreender, de sentir a vida política do país, se eu o queria, e este fora o meu motivo ao desejar ir para os Estados Unidos. (Nabuco, 1981, p. 94)

O escritor reproduz em seu livro algumas páginas de seu diário que foi escrito nessa fase de sua vida, momento em que a narrativa memorialística se mistura com o gênero diário:

---

<sup>17</sup> Ibidem, p. 90.

“Talvez o melhor modo de mostrar o que devo aos Estados Unidos seja reproduzir páginas do meu diário de 1876-77”<sup>18</sup> p. 93.

## Capítulo 15: O MEU DIÁRIO DE 1877

Há nesse capítulo uma continuação do diário de Joaquim Nabuco, cuja reprodução foi iniciada no capítulo anterior. Reproduz-se, então, partes do diário referente aos meses entre junho e setembro de 1877. Como o próprio político diz, estes registros “são impressões de simples transeunte”. É importante observarmos que nessa fase da vida de Nabuco, mesmo morando nos Estados Unidos como se fosse um cidadão estadunidense, ele não deixará de ter a influência européia, ou esta não será substituída por uma influência norte-americana:

Esses trechos mostram que em Nova York, eu não me achava sob influência americana, mas que continuava em mim a influência européia e eu era o espectador, que tinha sido em Londres, quase desinteressado da política, desinteressado pelo menos de toda a política que não pudesse converter em assunto literário, ou em nota crítica e observação. (Nabuco, 1981, p. 103)

## Capítulo 16: TRAÇOS AMERICANOS

As impressões dos Estados Unidos que Nabuco relata em sua obra se referem principalmente a Nova York e a Washington. Segundo ele, com relação à arte, os Estados Unidos de sua época não têm o que mostrar: “A idéia, porém, que tenho é que quem viu Nova York e Washington viu tudo que há que ver nos Estados Unidos, excetuando somente as poucas cidades a que se podem chamar cidades históricas, que têm o cunho das suas

---

<sup>18</sup> Ibidem, p. 93.

tradições próprias”<sup>19</sup>. Para o político, não há separação entre vida pública e privada naquele país, estando qualquer um de seus políticos sujeito a humilhações e à exposição de sua vida particular. Para ele, os norte-americanos são preconceituosos, incapazes de sentimento de igualdade com relação a qualquer imigrante analfabeto ou indigente. O político afirma ainda que os cidadãos norte-americanos acreditam que são superiores aos demais povos do mundo: “Ninguém que conheça o tipo (...) desconhecerá que a característica, por excelência, do americano é a convicção de que *melhor* do que ele não existe ninguém no mundo”<sup>20</sup>.

## Capítulo 17: INFLUÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS

Novamente Nabuco afirma que suas idéias políticas não se alteraram nos Estados Unidos. O político compara o povo desse país aos ingleses e franceses e comenta sobre o caráter de nitidez da cultura em questão: “O inglês fará tudo sólido; o francês, elegante; o americano procura fazer nítido...”<sup>21</sup>. Essa nitidez, ou, de certo modo, o positivismo entranhado na cultura norte-americana, defronta-se com um certo vazio. “Os americanos”, escreve em suas memórias, “estão inventando a vida, como se nada existisse feito até hoje”<sup>22</sup>. Para Nabuco, cidadão do mundo, é difícil dizer o papel, a importância, que os EUA ocupam ou possuem na humanidade:

A sua missão na história é ainda a mais absoluta incógnita. Se ele desaparecesse de repente, não se pode dizer o que é que a humanidade perderia de essencial, que raio se apagaria do espírito humano; não é ainda como se tivesse desaparecido a França, a Alemanha, a Inglaterra, a Itália, a Espanha.

(Nabuco, 1981, p. 116)

---

<sup>19</sup> Ibidem, p. 105.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 108.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 114.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 116.

## Capítulo 18: MEU PAI

De todas as influências que Joaquim Nabuco recebeu em sua formação intelectual, a mais poderosa foi, segundo ele, a que exerceu seu pai, José Tomás Nabuco de Araújo. O escritor escreve sobre ele:

Coube-lhe em primeiro lugar acabar inteiramente com o tráfico de africanos que Eusébio de Queiroz, seu antecessor, ferira de morte, mas que não queria desaparecer senão mui lentamente; a menor fraqueza da parte de uma futura administração fá-lo-ia renascer com dobrada ânsia de aproveitar a monção, porque seus quadros e material conservavam-se intactos no Brasil e em África.

(Nabuco, 1981, p. 118)

Joaquim Nabuco se arrepende, em suas memórias, por não ter aproveitado o bastante da experiência e do conhecimento de seu pai e reconhece que, na política, continuou seu trabalho: “e posso assim dizer que em 1879 não fiz como deputado senão continuar do ponto em que ele ficara, substituir-me a ele, com a diferença natural entre minha mocidade e sua velhice”<sup>23</sup>. Nabuco afirma ainda que, para isso, continuou desenvolvendo em favor dos escravos existentes “o pensamento que ele assinalara como um dever nacional, tanto no preparo como na discussão da lei que libertou as gerações futuras”<sup>24</sup>.

## Capítulo 19: ELEIÇÃO DE DEPUTADO

Pouco depois da morte de seu pai, ocorrida em 1878, Joaquim Nabuco será eleito deputado pela primeira vez, o que significará a quarta geração da mesma família na política:

Minha mãe, porém, conservava a ambição de meu pai, de me ver entrar na política, para um dia substituí-lo, sentar-me na sua cadeira de

---

<sup>23</sup> Ibidem, p. 120.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 120.

senador, como ele se sentara na de meu avô, que já não fora o primeiro senador Nabuco, porque encontrara no Senado seu tio José Joaquim Nabuco de Araújo, o primeiro barão de Itapoã. Eu representaria assim no Parlamento a quarta geração da mesma família, o que não aconteceu, suponho, a nenhum outro.

(Nabuco, 1981, p. 126)

No ano de 1879 temos Joaquim Nabuco como estreante, isto é, seduzido pelos debates e tomando parte nas questões discutidas na tribuna. Importante ressaltarmos a forte influência do liberalismo inglês presente no político estreante: “sou um liberal inglês – com afinidades radicais, mas com aderências *whigs* – no parlamento brasileiro”<sup>25</sup>. Passado um primeiro momento do político, sua preocupação se voltará para a identificação humana com os escravos.

## Capítulo 20: MASSANGANA

Massangana é o nome de um engenho localizado no município do Cabo, em Pernambuco, onde Joaquim Nabuco passou a infância, morando com sua madrinha. Após a morte dela, ocorrida em 1857, o engenho viverá na memória do político como o espaço feliz da infância. A inversão feita por Nabuco, tratando da infância no vigésimo capítulo ao invés de contá-la no início da obra, rompe com a autobiografia clássica e enfatiza a questão da liberdade aos escravos como uma imagem constante em sua vida, isto é, enraizada no político desde a sua infância:

Eu estava uma tarde sentado no patamar da escada exterior da casa, quando vejo precipitar-se para mim um jovem negro desconhecido, de cerca de dezoito anos, o qual se abraça aos meus pés suplicando-me pelo amor de Deus que o fizesse comprar por minha madrinha, para me servir. Ele vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o dele, dizia-me, o castigava, e ele tinha fugido com risco de vida...

---

<sup>25</sup> Ibidem, p. 127.

Foi este o traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição, com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspeitar a dor que ela ocultava.

(Nabuco, 1981, p. 131)

É na infância de Nabuco que temos também a sua educação religiosa, o fato de ter tido ama-de-leite escrava, e a falta de convívio com seus pais, que se encontravam na corte.

## Capítulo 21: A ABOLIÇÃO

Joaquim Nabuco trata, neste capítulo, do movimento abolicionista que se inicia em 1871 e se prolonga até 13 de maio de 1888, quando a lei Áurea é assinada e a escravidão se torna extinta no Brasil. O escritor registra nessa parte de seu livro duas amizades que lhe foram muito importantes nessa fase de sua vida: a amizade com André Rebouças e com Joaquim Serra. Importante observarmos que ele reproduz nesse capítulo uma carta e cita um trecho do diário de André Rebouças, realizando assim uma mistura de gêneros. Joaquim Nabuco, o qual afirma que seu arquivo é a sua contribuição para o estudo da Abolição, escreve em seu livro: “compare-se nesse ponto o que ela foi no Brasil com o que foi na América do Norte. No Brasil, a escravidão é uma fusão de raças; nos Estados Unidos, é a guerra entre elas”<sup>26</sup>.

## Capítulo 22: CARÁTER DO MOVIMENTO – À PARTE DA DINASTIA

O escritor lamenta o fato de a Abolição não ter sido uma preocupação religiosa. Para ele, o movimento contra a escravidão no Brasil foi um movimento de caráter mais humanitário e social do que religioso. Em 15 de novembro de 1889 é proclamada a República. Nabuco registra em seu livro uma

<sup>26</sup> Ibidem, p. 137.

frase da “Princesa Imperial” dita a Rebouças em viagem de exílio: “se houvesse ainda escravos no Brasil, nós voltaríamos para libertá-los”<sup>27</sup>.

## Capítulo 23: PASSAGEM PELA POLÍTICA

O escritor relata alguns episódios de sua vida para mostrar um outro lado de sua passagem pela política, ou seja, o seu contato com as pessoas simples e com os pobres: “Eu visitava os eleitores, de casa em casa, batendo em algumas ruas a todas as portas... A pobreza de alguns desses interiores e a intensidade da religião política alimentada neles fez-me por vezes desistir de ir mais longe... Doía ver o quanto custava a essa gente crédula a sua devoção política. Diversos desses episódios gravaram-se-me no coração”<sup>28</sup>. Nabuco relata o episódio de um homem que queria votar nele, mas que, se o fizesse, seria demitido de seu emprego. Este homem tinha recebido a *chapa de caixão*, ou seja, era obrigado a votar num determinado candidato, recurso que ficou conhecido como *voto de cabresto*. Nabuco demonstra ainda a sua gratidão pelo guarda-livros Antônio Carlos Ferreira da Silva, homem que trabalhou pelo político e que contribuiu para a relação entre este e o povo de Recife.

## Capítulo 24: NO VATICANO

Nesse capítulo, Nabuco torna a romper com a ordem cronológica referente aos fatos que marcaram a sua vida. A visita ao Vaticano e seu encontro com o papa Leão XIII aconteceu no início do ano de 1888, antes do 13 de maio. O escritor, que acabava de ser eleito deputado pelo Recife, segue para Roma com o objetivo de conseguir uma mensagem do papa em favor do fim da escravidão no Brasil. Joaquim Nabuco acaba conseguindo uma audiência particular

<sup>27</sup> Ibidem, p. 146.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 150.

com o próprio papa, que é marcada para 10 de fevereiro daquele ano. Nesse encontro, o papa promete ao escritor falar em favor da liberdade dos negros por meio da encíclica. Nabuco, no mesmo dia, escreve um texto que será enviado para publicação em *O País* e divulgado no Brasil. A encíclica só aparece depois de abolida a escravidão, ou seja, quando, segundo Nabuco, “não havia mais escravos no Brasil”<sup>29</sup>. A luta por uma causa universal e humana leva o escritor a Roma e à sua própria religiosidade: “Não posso hoje pensar na minha ida a Roma em 1888 sem sentir que então germes esquecidos nos primeiros sulcos da meninice reviveram, para germinar mais tarde ao calor de outras influências... Não fui em vão a Roma, do ponto de vista do meu sentimento religioso...”<sup>30</sup>.

#### Capítulo 25: O BARÃO DE TAUTPHÆUS

Joaquim Nabuco trata, nesse capítulo, da grande influência que recebeu do velho Barão de Tautphæus: “Nenhuma influência singular atuou sobre mim mais do que a de meu mestre”<sup>31</sup>. Expatriado da Baviera, Tautphæus segue para a Grécia, vive depois na França e emigra para o Brasil. Homem erudito e amante da natureza é tido como mestre por Nabuco: “Ele falava de um modo uniforme, sem ênfase, sem colorido, sem expressão mesmo, mas era um jorrar sem fim de ciência, de erudição, como se naquele mesmo dia tivesse estado a estudar o assunto”<sup>32</sup>. O escritor narra ainda sobre o período da vida desse intelectual passado na ilha tropical de Paquetá, no Rio de Janeiro. Tautphæus, embora fosse estrangeiro, possuía grande

---

<sup>29</sup> Ibidem, p. 160.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 162.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 163.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 163-164.

amor pelo Brasil, pela natureza que aqui encontrou e pelo Império que viu se extinguir.

#### Capítulo 26: OS ÚLTIMOS DEZ ANOS (1889-1899)

A queda do Império põe fim à carreira política de Joaquim Nabuco. Após 1889, o escritor se preocupará com a morte do imperador, com a sua própria religiosidade; ocupar-se-á dos livros *Balmaceda* e *Intervenção* e da vida de seu pai: “agora aspirava viver em regiões de ar mais dilatado, onde se respirasse a unanimidade moral, a fé, o otimismo humano, o oxigênio das grandes correntes de ideal...”<sup>33</sup>. Nesse momento de sua vida, o escritor se preocupará com as suas memórias, ou seja, com o próprio livro *Minha Formação*: “É preciso roubar ao mundo uma parte da vida, e é melhor que seja a final, para dá-la aos pensamentos e às aspirações que não queremos que morram conosco”<sup>34</sup>.

#### 4 - Joaquim Nabuco e o perfil de um liberal conservador

Joaquim Nabuco, em uma nota-de-rodapé do capítulo “Massangana”, nos dá uma notícia de suas intenções ao escrever o objeto de nosso presente estudo: “A primeira idéia fora contar minha formação monárquica; depois, alargando o assunto, minha formação política literária; por último, desenvolvendo-o sempre, minha formação humana”<sup>35</sup>. De fato, notamos que a obra é na verdade a história desta última formação, que vai acabar englobando todas as outras, na medida em que lhes dá, muitas vezes, apenas a função de contribuir para a construção dessa esfera maior; isto é, Nabuco usará, em grande parte do livro, tanto a formação

---

<sup>33</sup> Ibidem, p. 172

<sup>34</sup> Ibidem, p. 173.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 129.

monárquica quanto a político literária para compor o perfil de sua formação humana, que é também o perfil de *seu* liberalismo (e o pronome vai em itálico para demarcar bem que este liberalismo é mais uma visão muito pessoal de mundo do que uma maneira de se fazer política). É como se Nabuco, para escrever *Minha formação*, tivesse se feito a seguinte pergunta: “o que é meu liberalismo e por que sou liberal?” e a partir disso começasse a construir a história de um detalhe da sua vida, desdobrando-o em seus elementos a fim de justificá-lo.

Esse procedimento de composição será empregado também em esferas menores de seu perfil: por exemplo, se ele usa sua posição monárquica para desenhar a imagem do liberal, como já se disse e como veremos com mais cuidado adiante, faz uso também de algumas leituras e de viagens ao exterior para compor e justificar essa mesma posição monárquica. Assim, a narrativa ganha um efeito de desdobramentos sucessivos que, ao se explicarem, anunciam algo maior do qual fazem parte. Vejamos como esse projeto narrativo se realiza em seus elementos.

Como observamos no resumo dos capítulos, Nabuco começa a história de sua formação falando da influência liberal exercida por seu pai desde os tempos de escola, época em que ele ainda pouco entendia de política, mas já era capaz de adivinhar e admirar a figura humana do senador. O leitor deve perceber que a narrativa se inicia pelo elemento mais amplo do perfil do “biografado”, aquele ao qual se chegará após os sucessivos desdobramentos: Nabuco anuncia sua “essência” liberal, começa a justificá-la pela influência do pai, desenvolve-a ao longo da narrativa, para fechá-la dando uma idéia do todo que é seu liberalismo.

O escritor passa então ao que seria a primeira etapa de seu projeto narrativo: a formação monárquica. Esta talvez seja a parte mais polêmica de sua história, uma vez que constitui o aparente paradoxo que Nabuco

parece perceber e tenta desfazer: como um sujeito essencialmente liberal, que lutará pela liberdade dos escravos, pode ser a favor da monarquia, um modelo de governo conservador? A pergunta é de grande fôlego e exigirá uma resposta à altura (não é à toa que Nabuco passa mais da metade do livro tentando respondê-la). Para isso, ele precisará mostrar como a monarquia, um modelo teoricamente submisso a um soberano, a quem a veneração e a obediência são aceitas por toda uma sociedade de raízes aristocráticas, de reconhecidas e legitimadas distinções de uma classe a outra, como esta forma de governo, enfim, poderia ser mais democrática, mais igualitária, do que a república, que se baseia, também teoricamente, na delegação de poderes a alguém escolhido pelo próprio povo. É o que Nabuco tenta responder na maior parte de *Minha formação*.

#### 4.1 - Formação monárquica

Vimos no resumo deste estudo que a base monarquista de Nabuco está na leitura do pensador político Bagehot. Lá entendemos como o filósofo pensa a monarquia parlamentar e como Nabuco contrapõe este modelo — no qual quem governa é, na verdade, um parlamento, e não o rei, que apenas reina — ao presidencialismo republicano, cujo chefe de Estado teria o poder concentrado em suas mãos. Vimos também que, após a base, Nabuco reforçará seu monarquismo através da primeira viagem que faz à Europa, quando compara a república francesa (e, posteriormente, num outro contexto, também os EUA) à monarquia inglesa, inclinando sua admiração política para esta última, apesar de guardar seus encantos literários para a primeira. Deixamos no resumo, porém, alguns fios soltos para amarrarmos agora, e um deles está justamente na relativização de certas conclusões a que chega Nabuco sobre os tipos de governo que analisa.

O escritor tem razão ao comentar que o presidencialismo gera uma luta de vaidades

entre os partidos que disputam o poder (e entre inclusive os poderes legislativo e executivo), mas ignora, para sustentar a perfeição de seu raciocínio, que o parlamento também é dado a conchavos políticos, mesmo que eles sejam mais discretos, com brigas menos declaradas. Para justificar o maior senso de justiça que teria o parlamento, o escritor argumenta que este pode ser dissolvido caso suas atitudes não agradem, o que demonstraria sua superioridade em relação à república, onde o presidente, uma vez escolhido, manda e desmanda nos subordinados que ele próprio elege; mas Nabuco parece não perceber que essa mesma dissolução de um parlamento pode não ter também origens das mais nobres. Nabuco, novamente, no intuito de amparar a retidão de seu pensamento, não aprofunda muito sua análise política para que ela não acabe por revelar elementos que derrubassem a impecabilidade de seu discurso, ignorando também que no presidencialismo o poder não está tão centrado nas mãos do presidente, uma vez que suas reformas precisam ser votadas pelo Senado, e que ele inclusive pode ser deposto, como vimos recentemente acontecer na história do Brasil, em 1992, ou mesmo pressionado a renunciar, como o próprio Nabuco teve oportunidade de ver acontecer a Deodoro da Fonseca.

Em suma, Nabuco deixa de relativizar uma série de elementos para criar uma história em linha reta, na qual os acontecimentos parecem todos concorrer para a confirmação de um mesmo ponto: seu liberalismo. A análise que ele faz, apesar de ter uma aparência concreta, de reflexão histórica, é na verdade a elaboração de um ideal muito pessoal de governo.

#### 4.2 - Formação político literária

Outro elemento de grande importância para a construção desse perfil liberal surge em

seu gosto pelas artes e no cosmopolitismo que essa inclinação para as “humanidades” parece representar. Como vimos no resumo, o encantamento artístico europeu, a admiração, o respeito e o interesse pelo Velho Mundo são, para Nabuco, a marca de seu olhar universalista e não um índice de falta de patriotismo: intelectualmente, o drama humano é o que lhe interessa, apesar de sua representação num detalhe nacional comover mais intimamente o observador. Para o escritor, nosso sentimento é brasileiro, mas nossa imaginação é européia, uma vez que considera a Europa o berço da América. Daí sua incapacidade para o que ele chama de pequena política, aquela de partidos, regional: assim como na obra de arte, Nabuco observa um episódio político como um espectador do drama humano acima referido.

Sem se considerar então um profissional, Nabuco vê a política da mesma maneira que vê as artes, entendendo-as, entre outras coisas, como ideologia, moral, filosofia e história. É este tipo de olhar cosmopolita que aponta de maneira mais contundente para o perfil liberal do qual viemos falando até agora, uma vez que nas duas atividades centrais de sua vida, a de político e escritor, o que mais interessa a Nabuco é aquilo que elas têm de essencialmente humano.

#### 4.3 - Formação humana

Toda essa formação liberal irá culminar naquela que seria a maior iniciativa de sua vida: a luta pela abolição da escravidão no Brasil. O elemento que “encerra” (até o momento da escrita de *Minha formação*, já que ele retorna como embaixador no início do século XX) sua carreira e é seu ponto mais alto, na verdade, antes de ser um feito meramente político, é um ato humanista, próprio de uma política pensada com P maiúsculo, para usar uma imagem do escritor, distante daquela movida por interesses pessoais e partidários. Porém, é curioso pensar que, apesar de ser o momento mais importante



de sua vida pública, a abolição da escravidão não é o elemento mais importante de *Minha formação*, funcionando na obra como a chave de ouro da “construção” textual de sua formação humana liberal, como uma espécie de ápice, de confirmação “incontestável” — para ele, está claro — da evolução retilínea que o escritor dá à própria vida, através de um episódio histórico do qual fez parte. Cumpre notar que a questão da Abolição será tratada com cuidado por Joaquim Nabuco em um outro livro seu intitulado *O Abolicionismo*, ao qual inclusive já fizemos referência.

A despeito de suas posições políticas, que são, sem dúvida, passíveis de questionamentos, interessa observar em *Minha formação* a habilidade com que Joaquim Nabuco constrói sua própria história, valorizando alguns detalhes, omitindo outros, aprofundando algumas discussões, deixando outras na superfície, amarrando elementos distantes a uma primeira vista, para compor uma história coesa, obediente a uma lógica rigorosa de causalidade, o que inclusive o aproxima dos escritores realistas de seu tempo. Percebe-se na obra menos a força do político do que a desenvoltura do escritor, seguro não apenas no domínio de sua linguagem, mas também na melhor maneira de utilizá-la para escrever uma determinada história. Se a Nabuco faltava a imaginação para a invenção de situações fictícias, a destreza para contá-las lhe era inerente, o que talvez explique o fato de a vida real ser a matéria da principal e maior parte de sua produção escrita. É hora de entrarmos, então, na discussão sobre o gênero de *Minha formação*.

##### 5- *Minha formação*: mistura de gêneros.

Conforme nos informa Gilberto Freyre, na introdução escrita para a nona edição de *Minha formação*, o político Joaquim Nabuco foi o primeiro homem público, no Brasil, a

escrever sobre si mesmo: “foi decerto o primeiro homem público brasileiro a descobrir-se com a própria mão de grande escritor; e em autobiografia tão psicológica como sociologicamente valiosa, além de notável pela sua qualidade literária”<sup>36</sup>. Freyre afirma ainda que, na ocasião da publicação do livro de Nabuco, a obra encontrou certa resistência e não faltaram aos leitores palavras de crítica ao político:

Para o Brasil da época em que apareceu, *Minha Formação* foi livro um tanto escandaloso, por ter sido, para muitos, cheio de louvor em boca própria. Não faltou quem acusasse o autor de deselegante narciso...

(...) Repugnava aos melhores (sic) mestres brasileiros de bom-tom que um indivíduo elegante escrevesse de si próprio: da sua própria formação. Faziam-no franceses, ingleses e russos, é certo: os últimos indo ao extremo de recordar suas deformações. Mas eram estrangeiros. Se, no Brasil, José de Alencar contara já aos seus leitores como e porque se tornara romancista, fizera-o discretamente e em poucas páginas; e quase limitando-se a recordar seus experimentos literários num gênero — o da ficção — que não adquirira ainda, entre os brasileiros, plena dignidade intelectual.

(Nabuco, 1981, p. 03)

Freyre afirma também que *Minha formação* é uma autobiografia parcial, mas expressiva. Para ele, Nabuco, ao escrever essa obra, “descobriu-se somente pela metade”<sup>37</sup>. Gilberto Freyre reconhece, evidentemente, que uma autobiografia ou um livro de memórias não consegue contar a vida de alguém de maneira completa e perfeita e que Joaquim Nabuco, ao escolher o que queria contar sobre si, escolhia também o que gostaria de esconder de seus leitores. Falar sobre si mesmo implica fazer uso de um ponto-de-vista, no caso, o de Nabuco. Diante dessas questões percebemos que há ficção na narrativa autobiográfica, o que não

---

<sup>36</sup> Ibidem, p. 03.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 03.

quer dizer que as informações ali encontradas não sejam verdadeiras.

Ao escrever *Minha formação*, o autor não seguiu o modelo da autobiografia clássica, ou seja, desse gênero que segue uma certa linearidade cronológica, começando no nascimento do personagem e narrando os fatos, ou tentando narrá-los, na mesma ordem em que esses aconteceram. O escritor altera a seqüência dos episódios de sua vida. Nabuco relata primeiro a sua fase de colégio e academia e um pouco de sua infância, mas no vigésimo capítulo, isto é, após ter tratado da influência que recebeu da monarquia inglesa, do tempo em que viveu na Europa e, posteriormente, nos Estados Unidos, volta a falar de sua infância em Massangana, engenho de Pernambuco<sup>38</sup>. Para isso, o escritor sente a necessidade de explicar esse rompimento com a ordem cronológica em uma nota-de-rodapé, à qual já fizemos referência:

A razão que me fez não começar pelos anos da infância foi que estas páginas tiveram, ao serem primeiro publicadas, feição política que foram gradualmente perdendo, porque já ao escrevê-las diminuía para mim o interesse, a sedução política. A primeira idéia fora contar minha formação monárquica; depois, alargando o assunto, minha formação político-literária ou literário-política; por último, desenvolvendo-o sempre, minha formação humana, de modo que o livro confinasse com outro, que eu havia escrito antes sobre minha reversão religiosa. É deste livro, de caráter mais íntimo, composto em francês há sete anos, que traduzo este capítulo para explicar a referência feita às minhas primeiras relações com os escravos.

(Nabuco, 1981, p. 129)

Nabuco, ao tratar do período vivido em Massangana, depois de ter apresentado ao leitor grande parte de sua vida, permite a este compreender a imagem da infância e seus

<sup>38</sup> Hoje, no Engenho Massangana, funciona um centro de estudos e pesquisa pertencente à Fundação Joaquim Nabuco.

acontecimentos como gérmen de sua formação. Permite, assim, compreendermos Massangana como o espaço feliz de sua infância e como a imagem que acompanhará o homem maduro e influenciará as suas atitudes<sup>39</sup>. Na parte que se refere a esse espaço, encontramos algumas recordações de sua madrinha, dona Ana Rosa Falcão de Carvalho, cuja morte, segundo o escritor, separará a sua infância do resto de sua vida: “A noite da morte de minha madrinha é a cortina preta que separa do resto de minha vida da cena de minha infância”<sup>40</sup>. Temos também nessa época a educação religiosa recebida pelo menino Nabuco na “pequena capela de Massangana”<sup>41</sup> e, sendo também criança amamentada por ama-de-leite negra, seu primeiro contato com a escravidão, imagem marcante de sua infância:

... no entanto a escravidão para mim cabe toda em um quadro inesquecido da infância, em uma primeira impressão, que decidi, estou certo, do emprego ulterior de minha vida. Eu estava uma tarde sentado no patamar da escada exterior da casa, quando vejo precipitar-se para mim um jovem negro desconhecido, de cerca de dezoito anos, o qual se abraça aos meus pés suplicando-me pelo amor de Deus que o fizesse comprar por minha madrinha para me servir. Ele vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o dele, dizia-me, o castigava, e ele tinha fugido com risco de vida... Foi este o traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspeitar a dor que ela ocultava.

(Nabuco, 1981, p. 131)

Finalizada a parte de sua infância, o escritor passa a tecer comentário sobre a Abolição. Do capítulo vigésimo para o que o segue, temos um intervalo de mais de trinta anos. De maneira evidentemente intencional, a

<sup>39</sup> Quando tratamos de um espaço feliz da infância, levamos em consideração os apontamentos feitos por Gaston Bachelard em seu livro *Poética do espaço*.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 133.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 130.

disposição dos capítulos na forma em que se encontram aponta para o encerramento de uma questão na vida do político, que é a da escravidão. Iniciada na infância e terminada em 1888 com a Abolição, agora “terminada”, a luta pelos escravos não será mais o principal motivo na vida do político Joaquim Nabuco, cuja atuação durou de 1879 a 1889. Já as eleições de 1889, ou seja, após a abolição dos escravos, não interessavam ao político: “Duvido ter eu tido maior revelação, ou impressão exterior que ficasse atuando sobre mim de modo mais permanente, do que essas eleições de 1884 a 1887, – a de 1889, posso dizer, feita a abolição, não me interessava quase”<sup>42</sup>. Em outra parte de sua obra, o autor escreve:

Em 1879 eu me alistara para uma campanha que supunha havia de durar além de minha vida; fiz assim, posso dizer, voto perpétuo de servir uma grande causa nacional: o que devia mais de trinta anos, durou somente nove, mas nem por isso economizei forças, iniciativa, imaginação para outros empreendimentos... A abolição, além disso, pelo seu sopro universal, isolara-me dos partidos, afastara-me da sua esfera contenciosa; por hábito eu agora aspirava viver em regiões de ar mais dilatado, onde se respirasse a unanimidade moral, a fé, o otimismo humano, o oxigênio das grandes correntes de ideal...  
(Nabuco, 1981, p. 172)

No capítulo 24, “No Vaticano”, a narrativa retorna no tempo outra vez. No capítulo 21 o escritor havia feito considerações sobre o “fim” da escravidão ocorrido em 13 de maio de 1888. Em “No Vaticano”, Joaquim Nabuco trata de sua viagem a Roma e de seu encontro com o papa Leão XIII ocorrido no dia 10 de fevereiro de 1888, ou seja, anterior à Abolição. No encontro que tem com o papa, o escritor pede que a Igreja Católica se pronunciasse a favor da libertação dos escravos. O político recebe a

promessa do papa, mas sua encíclica só é publicada após o 13 de maio. Todavia, Nabuco escreve um texto relatando o encontro que tivera com o papa e a atual posição daquela igreja acerca da escravidão, que é publicado no jornal *O País* antes da assinatura da Lei Áurea:

Como o cardeal Czacki tinha tido razão de dizer que eu ia levar ao Papa um verdadeiro bombom!... Infelizmente, a diplomacia envolveu-se na questão, o ministério conservador alarmou-se com a intenção manifestada pelo Papa, e conseguiu demorar a *Encíclica*... A curta demora foi bastante para ela só aparecer depois de abolida a escravidão no Brasil... Entre a queda de Cotegipe e a Abolição o espaço foi tão pequeno que a bela obra de Leão XIII só veio a ser publicada quando não havia mais escravos no Brasil. A bênção, porém, do Santo Padre à nossa causa, a palavra que ele ia proferir, essas desde os fins de fevereiro, ainda sob o Gabinete Cotegipe, o país as conheceu pelas minhas revelações... A surpresa da emancipação total foi tão agradável a Leão XIII que, como *post-scriptum* à sua carta lapidária sobre a escravidão, ele mandou à Princesa Imperial a Rosa de Ouro.  
(Nabuco, 1981, p. 160)

Podemos pensar em duas questões que se relacionam de alguma forma a essa alteração da ordem cronológica ou ao fato de o escritor relatar o seu encontro com o papa somente após ter tratado da Abolição. Uma delas seria talvez uma preocupação do político em não trazer para si um pouco da “glória” pelo fim da escravidão, não direcionando assim, de certo modo, a recepção do texto. A outra questão consiste em mostrar um lado pessoal da visita ao Vaticano, apontando para um reencontro do político com a sua própria religiosidade: “Não posso hoje pensar na minha ida a Roma em 1888 sem sentir que então sementes esquecidas nos primeiros sulcos da meninice reviveram, para germinar mais tarde ao calor de outras influências... Não fui em vão a Roma, do ponto de vista do meu sentimento religioso...”<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Ibidem, p. 150.

---

<sup>43</sup> Ibidem, p. 162.

Eis um outro ponto da vida de Joaquim Nabuco que retoma a vivência da infância: a religiosidade. Como dissemos, a educação religiosa do escritor acontece na capela do engenho Massangana. Essa religião adormece durante boa parte de sua vida e torna a viver por ocasião dessa viagem ao Vaticano. Temos assim, além da escravidão, outra ponta da vida de Joaquim Nabuco, a religiosidade, que se ata à época da infância.

Já dissemos que o livro *Minha formação* é classificado por Freyre como uma autobiografia e que, pertencendo a esse gênero, não segue o modelo de autobiografia clássica. Segundo Philippe Lejeune, autor de *Le pacte autobiographique*, além do pacto de leitura, que deve ser autobiográfico, a autobiografia, que pode ser escrita em primeira, segunda ou em terceira pessoa, deve permitir a identificação entre autor, narrador e personagem (autor = narrador = personagem).

No caso de *Minha formação*, é-nos claro que o personagem principal se identifica com o narrador em primeira pessoa e com o próprio escritor Joaquim Nabuco, o que preenche um dos requisitos da autobiografia. As duas introduções escritas por Gilberto Freyre para a nona e a décima edições apresentam a obra como tal, o que conduz o leitor ao pacto autobiográfico. Todavia, ao escrever *Minha formação*, Joaquim Nabuco teve como objetivo — e como o título do livro indica — a questão de sua formação, seja ela monárquica, política, literária, humana, ou, num sentido maior, intelectual. Para isso, o escritor sente a necessidade de narrar sobre as pessoas que o influenciaram ou que, de algum modo, foram importantes em sua vida. Nesse sentido, ele dedica alguns capítulos para tratar da influência de seu pai, do escritor Ernest Renan, do papa Leão XIII e do Barão de Tautphœus. Embora o objetivo maior seja falar de si, a ênfase nesses personagens que diferem do autor-narrador (autor = narrador ≠ personagem) aproximam o livro de Nabuco

mais do gênero memórias do que do da autobiografia.

É importante lembrarmos que memórias e autobiografia são gêneros que não se opõem e que podem se confundir em vários momentos. Poderíamos dizer que o gênero memórias pode englobar vários gêneros vizinhos, como a autobiografia mesmo e o diário. Nas memórias temos, quando acontece a identificação entre autor, narrador e personagem, partes autobiográficas. Assim sendo, podemos classificar a obra de Nabuco como um livro de memórias que, sendo mais amplo e dinâmico, admite as inversões feitas pelo escritor e a própria mistura de gêneros que percebemos no texto.

Eis uma característica importante no livro *Minha formação*, de Joaquim Nabuco: a mistura de gêneros. Encontramos partes do diário do político reproduzidas nessa obra, assim como uma carta e uma citação do diário de André Rebouças e partes de cartas de sua madrinha. Nessa perspectiva, temos vários pactos de leitura que se relacionam ao livro: o pacto autobiográfico, o pacto de diário, o de leitura de cartas, dentre outros. Essa mistura de gêneros nos conduz a um gênero maior, como já vimos, o de memórias.

Essa reprodução de cartas e de diários, além de dar uma sustentação aos fatos da narrativa, ou seja, de possibilitar um efeito de real, de apresentar o conteúdo como algo verdadeiro, denuncia um homem preocupado em guardar documentos, em registrar suas viagens em diário, e mostra que uma das qualidades do escritor está no trabalho de pesquisa empregado em sua produção escrita.

No gênero memórias, assim como em uma autobiografia, há um certo distanciamento, um intervalo temporal grande entre os episódios acontecidos e o momento em que se narra. Nesse intervalo, ou melhor, durante a vida do memorialista, os fatos são pensados e repensados, o que acentua o caráter ficcional desses gêneros. Não há simplesmente uma descrição dos fatos, mas uma análise dos

mesmos e o ponto-de-vista do escritor. Nos diários, o intervalo de tempo entre o fato e o texto é pequeno, não havendo assim uma grande reflexão acerca dos acontecimentos. Quando Joaquim Nabuco mistura esses gêneros, dentre outros, está misturando também essa diferença de tempo referente a eles. No capítulo 15, “O meu diário de 1877”, temos uma interferência de sua prosa memorialista. Nabuco revê o que havia escrito e aproveita para fazer “reparos”. Temos um bom exemplo disso quando o político escreve:

São impressões de simples transeunte. Eu hoje não escreveria dos Estados Unidos que é uma nação *sem ideal*; diria que é uma nação cujo ideal se está formando. Assim como o inglês trata de adquirir fortuna e independência antes de entrar para a Câmara dos Comuns, dir-se-ia que a nação americana trata de crescer, de povoar o seu imenso território, de chegar ao seu completo desenvolvimento, *her full size*, para depois fazer falar de si e pensar no nome que deve deixar. Até hoje os Estados Unidos têm feito vida à parte e se têm ocupado de si só; mas um país que caminha para ser, se já não é, o mais rico, o mais forte, o mais bem aparelhado do mundo, tem, pela força das coisas, que ligar a sua história com a das outras nações, que se associar e lutar com elas. (Nabuco, 1981, p. 101)

Mais adiante, no mesmo capítulo, Nabuco faz um comentário acerca de seu diário com a finalidade de mostrar que, mesmo em Nova York, ele conservava a influência européia que havia recebido:

Esses trechos mostram que em Nova York, eu não me achava sob influência americana, mas que continuava em mim a influência européia e eu era o espectador, que tinha sido em Londres, quase desinteressado da política, desinteressado pelo menos de toda a política que não pudesse converter em assunto literário, ou em nota crítica e observação. (Nabuco, 1981, p. 103)

No capítulo 18, “Meu pai”, como já vimos, é-nos relatado que o maior

influenciador de Joaquim Nabuco fora o seu próprio pai. Aqui, o escritor faz uma reavaliação de sua própria vida, demonstrando arrependimento e sentimento de culpa com relação ao fato de, em sua opinião, não ter aprendido o suficiente com seu pai, de saber que ele poderia lhe ter ensinado mais. Percebemos, assim, que Nabuco utiliza o livro *Minha formação* não só para tratar de sua formação política, humana e intelectual, ou para registrar o que considera importante em sua vida, mas que aproveita para rever as suas opiniões, para lamentar certos fatos, para registrar o amadurecimento de algumas de suas declarações. Enfim, para que, pintando ele mesmo a sua vida, possa se desculpar por algumas coisas e impedir, de algum modo, que compreendam mal certos acontecimentos, clareando tudo (ou camuflando tudo) com as idéias que lhe agradam no momento da construção do livro, ou seja, de sua maturidade.

Com relação a essa idéia de ruminar a própria vida, temos, em *Minha formação*, um momento importante no capítulo 08, “A crise poética”. Nesse capítulo, Joaquim Nabuco reproduz quatro estrofes de seu livro *Amour et Dieu* para dizer que, em sua opinião, o seu livro é um livro ruim:

O fato é que não possuo a forma do verso, na qual a idéia se modela por si mesma e donde sai com o timbre próprio da verdadeira rima, que nenhum artifício nem esforço pode imitar. Isto, por um lado, quanto à pequena poesia, à poesia solta, ao que se pode chamar a música da poesia. Quanto à grande poesia, à poesia de imaginação e criação, poema, romance, balada que fosse, para essa eu seria incapaz, além da insuficiência do talento, pela falta de coragem para habitar a região solitária dos espíritos criadores... (Nabuco, 1981, p. 64)

Essa idéia é reforçada várias vezes pelo escritor. Segundo Nabuco, seus versos valiam muito pouco e sua fase literária é resultante de sua primeira viagem à Europa. Assim sendo, Nabuco critica a si mesmo: “como eu disse, não encontrei em mim a tecla do verso”; e mais:

“Quando mesmo, porém, eu tivesse recebido o dom do verso, teria naufragado, porque não nasci artista”; ou ainda: “A mim, porém, não coube em partilha nem o verso nem a arte”<sup>44</sup>.

Ao se criticar *Amour et Dieu* de maneira negativa, Nabuco se mostra leitor de poesia parnasiana e, nessa perspectiva, cita Olavo Bilac: “O timbre do verso reconhece-se em qualquer quadra. Tome-se Olavo Bilac, por exemplo”<sup>45</sup>. Influenciado nessa época por Ernest Renan, Joaquim Nabuco chega a mostrar o livro ao escritor francês, que tece elogios aos seus versos. Posteriormente, como já discutimos anteriormente em relação ao conceito de eutrapelia, o político descobre que Renan confessou em seus escritos que mentia aos novos escritores para não os desestimular: “Um poeta, por exemplo, nos apresenta os seus versos. É preciso dizer que são admiráveis, porque sem isso seria dizer que eles não têm valor e fazer uma injúria mortal a um homem que teve a intenção de nos fazer uma civilidade”<sup>46</sup>. Como podemos perceber, Nabuco expõe sua vida, mas o faz de forma crítica e revisada.

Pode-se falar ainda de uma organização com relação ao livro *Minha formação*. O escritor reúne e organiza documentos que, reproduzidos na obra, expressam também o recorte que quer traçar: o da sua formação. Segundo Gilberto Freyre, Nabuco “descobriu-se somente pela metade”<sup>47</sup>. Evidentemente, ao escrever uma autobiografia ou as suas memórias, o escritor escolhe os fatos que quer contar, lapida outros, e omite certos episódios ou documentos. Em *Minha formação* temos, nesse sentido, dados omitidos, reiterações, considerações sobre o passado, dentre outros aspectos. No capítulo 24, “No Vaticano”, por exemplo, temos o texto incompleto de Nabuco se dirigindo ao papa Leão XIII: “Aqui estão

alguns trechos dessa súplica”<sup>48</sup>. É claro que o trabalho de produzir um livro que envolve certa pesquisa, como o de Nabuco, implica em fazer escolhas e buscar somente os pontos importantes dos documentos que serão reproduzidos. Mas antes de dar ao leitor o texto anunciado, Joaquim Nabuco faz a sua ressalva: “Hoje eu o teria redigido de outro modo, mas hoje não tenho mais o ardor do propagandista...”<sup>49</sup>.

No último capítulo do livro, “Os últimos dez anos (1889 – 1899)”, Joaquim Nabuco demonstra o seu distanciamento da política, embora permanecesse monarquista. Assim sendo, o escritor nos mostra que se trata do momento de sua vida em que está escrevendo as suas memórias, ou seja, o próprio livro *Minha formação*, produzido de 1893 a 1899: “É preciso roubar ao mundo uma parte da vida, e é melhor que seja a final, para dá-la aos pensamentos e às inspirações que não queremos que morram conosco”<sup>50</sup>. Mais adiante escreve: “Posso portanto terminar aqui a história de minha formação política, e mesmo de toda a minha formação, porque das novas influências que me vão dominar no resto da vida, a religiosa já se a encontrou na infância e a das letras na mocidade”<sup>51</sup>. Já o prefácio do livro é escrito por Nabuco no dia oito de abril de 1900, ou seja, no mesmo ano em que o livro tem publicada a sua primeira edição, a qual é impressa na França. Dessa maneira, a obra, que inicia reportando-se aos tempos do escritor no colégio e que fornece os mecanismos ligados à formação intelectual do político, termina com um capítulo que reflete sobre a importância do fazer memorialístico na fase da vida em que o político se encontra, aproximando assim o tempo da narrativa e o tempo do escritor.

Acreditamos, assim, com o aprofundamento de algumas questões importantes de *Minha formação*, termos aberto

---

<sup>44</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>45</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>46</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>47</sup> Ibidem, p. 03.

---

<sup>48</sup> Ibidem, p. 154.

<sup>49</sup> Ibidem, p. 154.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 173.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 173.

caminho para que o leitor possa se aventurar, por conta própria, em um texto no qual o escritor, ao se revelar através de suas memórias, relata também parte importante da história de nosso país.



Machado de Assis e Joaquim Nabuco

### Questões de múltipla escolha

1) Entre as características abaixo, assinale aquela em que o perfil de Joaquim Nabuco traçado em *Minha formação* não se encaixa:

- a) inclinação para a literatura e outras artes
- b) vontade de reforma social
- c) opção pelo monarquismo parlamentarista
- d) nacionalismo xenófobo e intransigente

2) Leia o seguinte trecho retirado de *Minha formação*, de Joaquim Nabuco:

“Estamos assim condenados à mais terrível das instabilidades, e é isto o que explica o fato de tantos sul-americanos preferirem viver na Europa... (...) A instabilidade a que me refiro provém de que na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo o que nos cerca o fundo histórico, a perspectiva humana; e que na Europa, nos falta a pátria”

Com base na leitura do trecho, não podemos inferir que:

a) Nabuco, eurocentrista, considera a Europa como a origem da América, o que justificaria a supressão inevitável de todo traço americano pelas características européias.

b) para Joaquim Nabuco, a Europa é o berço da América, e por isso contém a dimensão de história que falta aos americanos.

c) o sentimento de um americano relaciona-se à sua pátria, mas sua imaginação tem raízes na Europa

d) à Europa falta o sentimento de pátria que todo homem americano contém e que lhe é vazado ao nascer, independentemente de onde resida no futuro

3) Gilberto Freyre, em sua introdução à *Minha formação*, observa que de todas as atividades praticadas por Joaquim Nabuco, a de ser escritor foi a mais persistente. Assinale a alternativa abaixo que não ilustra a relação de Nabuco com a literatura:

a) a primeira viagem à Europa desperta sua vontade de produzir

- b) ávido leitor durante a mocidade, lia tudo o que lhe vinha às mãos
- c) desenvoltura na prática do verso
- d) autocrítica severa de sua produção poética e dramática

4) Assinale a alternativa abaixo que não contribui para a opção de Joaquim Nabuco pela monarquia parlamentar:

- a) infância em Massangana
- b) influência do pai
- c) leitura da *Constituição Inglesa*, de Bagehot
- d) viagem à Europa

5) A viagem de Joaquim Nabuco à Inglaterra vai marcar profundamente sua personalidade. Assinale a alternativa abaixo que não corresponde à influência inglesa recebida por Nabuco:

- a) gosto pela tradição
- b) cosmopolitismo
- b) impressão aristocrática da vida
- d) consolidação de sua opção monárquica

6) Com relação ao gênero do livro *Minha formação*, de Joaquim Nabuco, assinale a alternativa abaixo que se encontra incorreta:

- a) O livro pode ser classificado como autobiografia, ou como memórias, pelo fato de, nele, o escritor falar de si mesmo.
- b) No livro, o personagem principal se identifica com o narrador, que, por sua vez, identifica-se com o autor, caracterizando o traço autobiográfico (autor = narrador = personagem).
- c) Podemos dizer que, em *Minha formação*, Joaquim Nabuco evita de forma clara os gêneros vizinhos à autobiografia, não fazendo assim, em nenhum momento do livro, uma mistura de gêneros.
- d) Para fundamentar sua narrativa, o escritor reproduz textos e documentos de outros

autores, citando assim cartas, diários, dentre outros.

7) Leia o trecho abaixo, que foi retirado do livro *Minha formação*, de Joaquim Nabuco, e, com base nesse texto, marque a alternativa incorreta:

... no entanto a escravidão para mim cabe toda em um quadro inesquecido da infância, em uma primeira impressão, que decidi, estou certo, do emprego ulterior de minha vida. Eu estava uma tarde sentado no patamar da escada exterior da casa, quando vejo precipitar-se para mim um jovem negro desconhecido, de cerca de dezoito anos, o qual se abraça aos meus pés suplicando-me pelo amor de Deus que o fizesse comprar por minha madrinha para me servir. Ele vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o dele, dizia-me, o castigava, e ele tinha fugido com risco de vida... Foi este o traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspeitar a dor que ela ocultava.

(Nabuco, 1981, p. 131)

a) O escritor relaciona o episódio ocorrido entre ele e o escravo fugido a um quadro inesquecido da infância, ou seja, a uma imagem que o acompanhará durante a vida.

b) O trecho acima se refere à época em que Joaquim Nabuco foi eleito deputado e, com isso, um escravo veio procurar-lhe com o objetivo de conseguir sua liberdade, sabendo da qualidade de abolicionista referente ao político.

c) O episódio acima, ocorrido na infância de Nabuco é contado, no livro, depois que o escritor já havia narrado sobre suas viagens pela Europa e Estados Unidos, tendo assim já tratado de vários aspectos de sua vida adulta.

d) O jovem negro do qual nos fala Nabuco foi até ele solicitar que sua madrinha o comprasse pois no lugar onde vivia era muito castigado.

8) No capítulo 18, “Meu pai”, do livro *Minha formação*, Joaquim Nabuco afirma: “É para mim hoje uma causa de arrependimento e compunção o não ter tido como principal aspiração saciar-



me, saturar-me dele [de seu pai], fazer do meu espírito uma cópia, um borrão mesmo, do que havia impresso e gravado no seu” (p. 122). Com relação a essa afirmação e ao pai de Nabuco, não podemos dizer que:

a) O pai de Joaquim Nabuco, José Tomás Nabuco de Araújo, preocupou-se como político em acabar inteiramente com o tráfico de africanos, desmantelando assim o grande mercado de escravos existente nas costas brasileiras. Seu filho continuará seu trabalho, lutando pela abolição.

b) Joaquim Nabuco, em suas memórias, faz certos reparos de alguns fatos ao falar sobre sua vida, tecendo comentários sobre determinados episódios, e demonstra os pontos em que gostaria que fossem diferentes, como demonstra um arrependimento na citação acima.

c) Nabuco demonstra que a influência mais forte que recebeu foi a de seu próprio pai: “Essa influência, sempre presente por mais longe que eu me achasse dela, domina e modifica todas as outras, que invariavelmente lhe ficam subordinadas” (p. 117).

d) Joaquim Nabuco, assim como seu pai, não queria que a escravidão terminasse, pois via nessa instituição um dos mais importantes pilares do império, e com o fim da escravidão, embora fosse uma causa humana, poderia haver um forte abalo nas estruturas da política brasileira da época.

9) Leia o trecho a seguir, retirado do capítulo 24, “No Vaticano”, do livro *Minha formação*, de Joaquim Nabuco, e assinale a alternativa incorreta:

Como o cardeal Czacki tinha tido razão de dizer que eu ia levar ao Papa um verdadeiro bombom!... Infelizmente, a diplomacia envolveu-se na questão, o ministério conservador alarmou-se com a intenção

manifestada pelo Papa, e conseguiu demorar a *Encíclica*... A curta demora foi bastante para ela só aparecer depois de abolida a escravidão no Brasil... Entre a queda de Cotegipe e a Abolição o espaço foi tão pequeno que a bela obra de Leão XIII só veio a ser publicada quando não havia mais escravos no Brasil. A bênção, porém, do Santo Padre à nossa causa, a palavra que ele ia proferir, essas desde os fins de fevereiro, ainda sob o Gabinete Cotegipe, o país as conheceu pelas minhas revelações... A surpresa da emancipação total foi tão agradável a Leão XIII que, como *post-scriptum* à sua carta lapidária sobre a escravidão, ele mandou à Princesa Imperial a Rosa de Ouro. (Nabuco, 1981, p. 160)

a) Homem que, dentre suas características, temos o fato de ter sido religioso durante toda a vida, de forma ininterrupta, Joaquim Nabuco realiza ao encontrar com o papa um desejo que sua fé havia alimentado desde sempre, tendo sido a religião o motivo principal de sua ida ao Vaticano.

b) Na citação acima, Nabuco lamenta o fato de a encíclica prometida pelo papa Leão XIII só ter saído depois do dia 13 de maio de 1888, ou seja, após a data em que a Lei Áurea havia sido assinada.

c) O fato de a escravidão no Brasil ter “acabado” antes que a encíclica fosse conhecida por todos, fez com que o papa enviasse para a Princesa Isabel a Rosa de Ouro, como *post-scriptum*.

d) O motivo que leva Nabuco ao Vaticano é, evidentemente, a luta pelo fim da escravidão no Brasil. Porém, nessa viagem o escritor sente que o sentimento religioso, nele adormecido desde a infância, retorna-lhe.

10) Com relação ao último capítulo do livro *Minha formação*, “Os últimos dez anos (1889 – 1899)”, todas as alternativas estão corretas, exceto:

a) O escritor demonstra que a queda do Império pôs fim a sua carreira, sendo a causa monárquica o seu último contato com a política.

b) Joaquim Nabuco relata as homenagens que recebeu após a libertação dos escravos pela sua luta e empenho. Demonstra apoio ao fim do Império e aproxima-se dos partidos, terminando suas memórias como político atuante.

c) O político afirma, nesse capítulo, que a Abolição o isolou dos partidos, afastando-o

daquela esfera duvidosa, que é o período em que sente renascer a fé, a religião e que nessa época se dispõe a trocar a política pelas letras.

d) Nesse período o escritor se preocupará com sua produção escrita: de 1893 a 1899 temos o período de intensa atividade intelectual. Nabuco dedicou-se às letras, escrevendo livros e artigos para jornais e revistas. Nesse período produz *Um estadista do Império* (1896) e seu livro de memórias *Minha formação*, publicado em 1900.

### Questões abertas

1) Em uma nota-de-rodapé do capítulo “Massangana”, Joaquim Nabuco nos revela um projeto narrativo de *Minha formação*: “A primeira idéia fora contar minha formação monárquica; depois, alargando o assunto, minha formação político literária; por último, desenvolvendo-o sempre, minha formação humana”.

Baseado nesta revelação, faça um texto que ilustre, ao levantar as passagens mais importantes de cada etapa, a realização deste projeto narrativo em *Minha formação*.

2) Influenciado pelo pensador político Bagehot, Joaquim Nabuco considera a monarquia parlamentar uma forma de governo muito mais democrática do que a república. Faça um texto explicando a preferência monárquica de Nabuco, apontando as diferenças que o escritor vê entre os dois modelos de governo.

3) No capítulo 25, “O barão de Tautphœus”, do livro *Minha formação*, Joaquim Nabuco demonstra certa admiração por este homem, que é considerado pelo escritor como um mestre, por, dentre outras coisas, amar o Brasil e esquecer a Europa:

O seu amor pela nossa natureza foi muito grande. Quantas vezes introduzi em nossas conversas a idéia de uma viagem à Europa para ver se despertava nele afinidades esquecidas, recordações latentes! Toda essa parte européia, porém, estava morta, atrofiada; em vez dela o que havia, esta, vivaz e peregrina, era uma sensibilidade nova, americana, a brasileira... Era um eterno encantado da nossa terra.  
(Nabuco, 1981, p. 168)

Escrevendo um texto, compare a citação acima ao caráter de cosmopolitismo que Joaquim Nabuco tem como cidadão do mundo.

4) Levando-se em consideração o gênero do livro *Minha formação*, comente a seguinte frase de Gilberto Freyre: “Apenas Joaquim Nabuco, escrevendo *Minha formação*, descobriu-se somente pela metade”.

5) Escreva um texto relacionando os seguintes trechos da obra *Minha formação*, de Joaquim Nabuco:

“São impressões de simples transeunte. Eu hoje não escreveria dos Estados Unidos que é uma nação *sem ideal*; diria que é uma nação cujo ideal se está formando” (p. 101)

“Hoje eu o [o memorial] teria redigido de outro modo, mas hoje não tenho mais o ardor do propagandista...” (p. 154)

“É preciso roubar ao mundo uma parte da vida, e é melhor que seja a final, para dá-la aos pensamentos e às aspirações que não queremos que morram conosco” (p. 173)

#### GABARITO

1) d 2) a 3) c 4) a 5) b 6) c 7) b 8) d 9) a 10) b

## Bibliografia

BACHELARD, Gaston. *Poética do espaço*. São Paulo: M. Fontes, 2000.

BARTHES, Roland. O efeito de real. In: *Literatura e realidade: que é o realismo?* Lisboa: Dom Quixote, 1984.

FUNDAÇÃO JOQUIM NABUCO. Ministério da Educação. – Casa Forte. Recife-PE. Apresenta exposição virtual dos 150 anos de nascimento de Joaquim Nabuco. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/index.html>>. Acesso em: 10 jun. 2004.

GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Joaquim Nabuco entre a monarquia e a república*. Recife: Editora Massangana, 1989.

LEITÃO, Cláudio Correia. *Origens e fins da memória: Graciliano Ramos, Joaquim Nabuco e Murilo Mendes*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1997. (Tese de doutoramento)

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil. 1975.

NABUCO, Carolina. *A vida de Joaquim Nabuco*. 3. ed. São Paulo: Americ=Edit., 1953.

NABUCO, Joaquim. *Campanhas de imprensa*. São Paulo: IPÊ, 1949.

\_\_\_\_\_. *Minha formação*. 10. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

\_\_\_\_\_. *O abolicionismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. *Um estadista do Império*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1975.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. *As desventuras do liberalismo: Joaquim Nabuco, a monarquia e a república*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

REVISTA O EIXO E A RODA. Memorialismo e autobiografia. Belo Horizonte: FALE/UFMG, v. 6, s. n., jul. 1988. 293 p.

VIANA FILHO, Luiz. *A vida de Joaquim Nabuco*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.

ZAGURY, Eliane. *A escrita do eu*. Rio de Janeiro: C. Brasileira; Brasília: INL, 1982.